

Revelando Faces Esquecidas: A aplicação da inteligência generativa na produção de imagens de sujeitos escravizados¹

Carolina Dantas de FIGUEIREDO²

Felipe Araujo da SILVA³

Íkaro Wesley Silva de SOUSA⁴

Ivan da Costa Alecrim NETO⁵

RESUMO

O presente Artigo tem por objetivo examinar o papel das representações artísticas, em particular as pinturas retratando reis e rainhas, na contextualização de suas identidades e posição sociais e como, em contrapartida, enquanto essas figuras históricas foram perpetuadas através de tais obras, muitas pessoas escravizadas permanecem negligenciadas pela narrativa histórica do colonizador. Propomos assim investigar como as inteligências generativas de imagem podem contribuir para resgatar as histórias desses grupos marginalizados e criar uma representação Digna. Visamos romper com estereótipos enraizados ao trazer à luz as histórias e rostos dos silenciados pela opressão.

PALAVRAS-CHAVE

Escravidão; Fotografia; Humanização; História brasileira; Inteligência artificial.

INTRODUÇÃO

As grandes pinturas dos reis e rainhas retratam um pouco de quem era e de onde vinham aqueles que governavam as grandes províncias e impérios, eram eles os que tinham o poder e o direito de ter seus traços pintados por grandes artistas de seu tempo, nessas imagens podemos ver seus rostos, corpos, gostos e até momentos favoritos. Como

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT15NE - Narrativas contra-hegemônicas associadas às materialidades digitais, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (DCOM/UFPE), e-mail: carolina.figueiredo@ufpe.br

³ Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Rádio, TV e Internet do DCOM/UFPE, e-mail: felipe.asilva@ufpe.br

⁴ Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Rádio, TV e Internet do DCOM/UFPE, e-mail: ikaro.silva@ufpe.br

⁵ Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE), e-mail: ivan.alecim@ufpe.br

o próprio rei Sol, Luís XIX da França, suas características e gostos estão presentes no imaginário de muitas pessoas.

A pintura, enquanto representação indicial, também funcionava como um cartão de visita. Relatos dão conta de que Dom Pedro II se encantou por esposa, a Imperatriz consorte Teresa Cristina, antes mesmo de vê-la pessoalmente graças às pinturas feitas dela, o que indica a crença depositada em imagens iniciais de caráter realista, isto é, que buscavam copiar de forma fidedigna o objeto retratado. Com a chegada e posterior popularização da fotografia a relação de crença nas imagens retratadas por um dispositivo sócio-técnico, no caso a câmera, é ampliada e aprofundada.

O próprio D. Pedro II chegou a desenvolver certo fascínio pela fotografia enquanto registro do real e depósito da memória. Fotógrafo amador, D. Pedro II produziu abundantes imagens de seus familiares, de paisagens brasileiras e da rotina do Império e da Primeira República, como as produzidas por Marc Ferrez (1843-1923) e José Ferreira Guimarães (1841-1924).

A partir das imagens produzidas de forma pictórica ou fotográfica, as pessoas podem reconhecer suas características e história, remontando suas origens, lutas e rostos que os antecederam, deixando rastros que são aquilo que mais se assemelha para nós a eternidade. Hoje estas imagens podem ser vistas em museus, coleções de arte e livros escolares.

Porém, por ser a pintura e depois a fotografia atrelada a privilégios de classe (renda e posição social) a grande maioria destas imagens só retrata a vida e história de reis, rainhas e senhores de terras. Sujeitos subalternizados apareciam em imagens como curiosidade, parte de registros médicos policiais ou apenas de forma etnográfica. Se tomarmos o século XIX, em face da referência feita a D. Pedro II como ponto de partida foi exatamente o que aconteceu com as pessoas escravizadas no Brasil nesta época, no primeiro império e em todo o período colonial, vide as pinturas de Eckhout no período Holandês e de Debret no primeiro império.

O argumento, bastante delicado em função do qual organizamos a presente pesquisa, é que os sujeitos escravizados, de forma bastante específica, eram retratados de forma objetificada, seja dentro desse viés etnográfico ao qual nos referimos anteriormente, seja como extensão das famílias que detinham sua posse (um exemplo clássico disso são as fotografias de crianças brancas e suas amas de leite ou babás, feitas

no século XIX inclusive como parte de um subgênero específico de fotografia familiar no Brasil império) ou como “artigos” a serem anunciados e vendidos. Isso significa, grosso modo que, na época em que suas imagens poderiam ter sido produzidas a partir do índice, da presença física, isso não foi feito pois a eles, os escravos negros, não cabia o status de sujeitos, como extensão, suas histórias, rostos e vida foram deliberadamente esquecidas. Neste sentido, nosso papel aqui enquanto pesquisadores é o de buscar entender como poderíamos hoje, com a evolução das inteligências generativas de imagem, produzir imagens de caráter pós-indicial (sem a materialidade imediata daquilo que se registra) para “ver” algumas das pessoas que foram escravizadas, respeitando suas características físicas e gostos, habilidades e crenças. Assim, partiremos do livro de Gilberto Freyre “O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX” para buscar descrições dos sujeitos escravizados de modo que possamos coletar subsídios para a produção de imagens humanizadas pós-iniciais dessas pessoas entendendo, contudo, que as descrições dos anúncios são limitadas e têm o viés dos interesses dos anunciantes e não dos sujeitos descritos.

A proposta de resgatar as histórias e dar rostos àqueles que foram unicamente registrados na situação de servidão representa um compromisso crucial com a humanização de indivíduos cujas vidas foram, por muito tempo, definidas apenas pela narrativa trágica de escravidão. Este esforço visa não apenas preencher uma lacuna representativa, mas também desafia a tendência histórica de reduzir essas pessoas a meras estatísticas ou registros de propriedade.

Ao humanizar esses corpos, estamos desafiando estereótipos arraigados e proporcionando uma visão mais completa e autêntica das experiências de vida desses indivíduos. A intenção é romper com a ideia de que a história dessas pessoas começa e termina na escravidão, resgatando-as do esquecimento e da invisibilidade que caracterizaram grande parte da documentação histórica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica baseia-se, como mencionamos, no livro de Gilberto Freyre. Em “O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX”, publicado em 1963, Freyre analisa anúncios veiculados em jornais como o Diário de Pernambuco e o Jornal do Comércio, com o objetivo de fornecer uma representação detalhada da

sociedade brasileira da época. Ele destaca que os escravos eram descritos nos anúncios com base em uma ampla gama de características, tais como origem étnica, sexo, idade, forma do corpo, temperamento e comportamento. Além disso, Freyre chama a atenção para a presença de escravos fugitivos e aqueles com deficiências físicas ou peculiaridades linguísticas e comportamentais. Esses anúncios oferecem, portanto, uma visão abrangente das condições e da diversidade da população escravizada no Brasil do século XIX, fornecendo uma base essencial para a compreensão do contexto social e histórico da época.

O racismo se estrutura no sentido de que primeiro há uma carga histórica que se desdobra em estigmatização e, então, no racismo institucional, que é quando o estigma é institucionalizado. Nesse sentido, percebe-se na escravidão a carga histórica responsável pela criação do estigma da desumanização das pessoas negras, para garantir o domínio absoluto sobre esses corpos que ninguém reclamava, vidas que não eram humanas, mas de objetos. Merlino (2018). “Se certas vidas não são qualificadas como vidas ou se, desde o começo, não são concebíveis como vidas de acordo com certos enquadramentos epistemológicos, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras.” Butler (2015, p.13).

A desumanização dos corpos negros era amplamente evidenciada e escancarada nesses anúncios. Mesmo para os registros da época, essas pessoas eram consideradas meros objetos cujo único valor residia na sua capacidade de servir. Suas vidas eram retratadas nos livros, quando retratadas, de maneira desprovida de humanidade, muitas vezes apenas com descrições textuais que refletiam o olhar do colonizador sobre o indivíduo, jamais levando em consideração o ponto de vista do próprio indivíduo ou as condições de trabalho enfrentadas por ele.

A proposta deste estudo é, portanto, humanizar esses corpos negros, conferindo-lhes rostos e identidades através das ferramentas de inteligência artificial, respeitando suas características físicas e individuais. Esta pesquisa é motivada pela tese do mestre Ivan da Costa Alecrim Neto - Fotografia de atualidades no cenário de plataformização, IA e fotojornalismo pós-indicial: Fotojornalismo e as tensões técnicas, estéticas e deontológicas diante do atual cenário sociotécnico - que nos instiga a analisar como a tecnologia pode ser empregada para resgatar a humanidade e a dignidade desses indivíduos.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, será realizada uma análise de representações artísticas de pessoas do século XIX no Brasil, focando-se nas pessoas negras. Em paralelo faremos uma categorização das características descritas para cada sujeito a partir de Freyre. O terceiro passo será a aplicação de inteligências generativas de imagem para recriar os rostos das pessoas escravizadas descritas nos anúncios. A amostra será composta por pinturas, fotografias e documentos relacionados à escravidão. A coleta de dados incluirá pesquisa bibliográfica e iconográfica, com o levantamento de obras de arte e fontes históricas, incluindo anúncios de jornais do século XIX, conforme estudado por Gilberto Freyre. Técnicas de aprendizado de máquina serão utilizadas para criar representações digitais realistas das pessoas escravizadas. A análise dos dados envolverá uma análise qualitativa das pinturas e fotografias selecionadas e uma interpretação dos resultados das representações geradas pela inteligência artificial dos sujeitos descritos nos anúncios. Todos os procedimentos serão conduzidos com respeito à dignidade das pessoas envolvidas, seguindo as questões éticas do nosso tempo envolvendo negritude, mas também fotografia e inteligência artificial.

ANÁLISE E/OU PRINCIPAIS RESULTADOS E/OU CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

As contribuições desta pesquisa abrangem diversos aspectos essenciais. Em primeiro lugar, destaca-se o resgate da história e da memória das pessoas escravizadas, proporcionando uma representação digna e humanizada de suas vidas, características e experiências. Ao conferir rostos e identidades às pessoas escravizadas por meio das ferramentas de inteligência artificial, a pesquisa visa desafiar estereótipos arraigados e proporcionar uma visão não colonial e não eurocêntrica de suas imagens, rompendo com a ideia de que suas histórias começam e terminam na escravidão.

Além disso, a pesquisa visa desconstruir narrativas redutoras que historicamente relegam as pessoas escravizadas a meras estatísticas ou registros de propriedade. Ao ampliar a compreensão sobre suas experiências e desafios, destacando sua humanidade e diversidade, busca-se promover uma visão mais inclusiva e holística da história.

As representações geradas por meio da inteligência artificial têm potencial para impactar significativamente a sociedade, promovendo o reconhecimento e a valorização das contribuições e da herança cultural das pessoas escravizadas. Este aspecto contribui para uma maior conscientização e compreensão das complexidades da história e das injustiças enfrentadas por esses grupos ao longo do tempo.

A pesquisa também articula avanços na tecnologia e pesquisa em comunicação, explorando o potencial das inteligências generativas de imagem para reconstruir as características das pessoas escravizadas descritas nos anúncios. Esse avanço não apenas contribui para a área de inteligência artificial aplicada à história e à representação visual, mas também abre novas perspectivas para a investigação interdisciplinar e o uso responsável da tecnologia na preservação da memória histórica.

Em suma, as contribuições desta pesquisa visam preencher lacunas representativas, desafiar narrativas dominantes e promover uma compreensão mais ampla e inclusiva da história e da humanidade das pessoas escravizadas, contribuindo assim para uma sociedade mais justa e informada

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho busca resgatar a humanidade e a individualidade de pessoas escravizadas, cujas vidas e histórias foram muitas vezes esquecidas ou reduzidas a meras estatísticas. Através da análise de anúncios de jornais do século XIX e da aplicação de tecnologias de inteligência generativa de imagem, visamos dar rosto e voz a esses indivíduos, desafiando estereótipos arraigados e proporcionando uma visão mais completa e autêntica de suas experiências de vida.

Reconhecemos que este esforço é apenas um passo em direção à reparação das injustiças históricas perpetradas contra essas pessoas. No entanto, acreditamos ser um passo importante para a humanização desses indivíduos e para o reconhecimento de suas contribuições para a sociedade.

A escravidão deixou marcas profundas na sociedade brasileira, e o racismo institucional é uma herança direta dessa época. Ao dar rosto e voz aos escravizados, esperamos contribuir para a desconstrução desse estigma e para a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por fim, este trabalho reforça a importância da interdisciplinaridade na pesquisa histórica, combinando métodos tradicionais de pesquisa com novas tecnologias para obter uma compreensão mais profunda e abrangente do passado. Acreditamos que essa abordagem pode abrir novos caminhos para a pesquisa e a compreensão da história da escravidão no Brasil.

REFERÊNCIAS

Alkmim, T. (2006). A fala como marca: escravos nos anúncios de Gilberto Freyre. *Scripta*, 9(18), 221-229. Recuperado de <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12603>

ALECRIM NETO, Ivan da Costa. Fotografia de atualidades no cenário de plataformização, IA e fotojornalismo pós-indicial: Fotojornalismo e as tensões técnicas, estéticas e deontológicas diante do atual cenário sociotécnico. 14 mar. 2024.

BUTLER, Judith. Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

MERLINO, Tatiana. Um Estado que mata pretos, pobres e periféricos. *Ponto de Debate*, São Paulo, v. 1, n. 19, p.1-16, out. 2018.

Wailand dos Santos, J. (2021). A desumanização do corpo negro como pressuposto para a impossibilidade de vitimização e a consequente seletividade racial do sistema penal brasileiro. *Revista avant*, 5(1). Recuperado de <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/avant/article/view/6819>